

Collor muda sua tática, para frear Lula.

Na expectativa de que a candidatura de Luís Inácio Lula da Silva (PT) tenha atingido o seu ponto máximo de crescimento, ou esteja bastante próxima deste ápice, os coordenadores da campanha de Fernando Collor de Mello (PRN) prepararam-se para intensificar uma campanha baseada no pânico que um eventual governo do PT poderia causar na economia.

Um "pânico" entremeado com paralelos entre "o socialismo pré-histórico" do PT e o "liberalismo moderno" do PRN. Uma tentativa de trazer Lula para uma discussão de propostas de governo, patamar em que as promessas de mudanças mais radicais do PT assustariam o eleitorado de centro que aparentemente, pelas últimas pesquisas, caminha em direção ao apoio a Lula.

"O PT mudou o seu discurso do primeiro turno. Hoje ele age, e com muita competência, sobre o emocional do eleitorado. Mais da metade do seu crescimento vem deste emocional", avalia o diretor da Vox Populi, Marcos Coimbra, amigo e conselheiro político de Collor. Em Brasília, os jornalistas Sebastião Nery e Cláudio Humberto, que ontem procuravam dar um tom mais forte nas gravações do programa gratuito de Collor, têm uma análise bastante parecida. "O Lula já obteve o apoio dos brizolistas. Vai ser um desastre se atrair a massa dos tucanos", comentava Nery.

Os três evitam utilizar o termo "ideologização" da campanha, marca do novo discurso de Collor que divide as opiniões entre seus assessores. Mas reconhecem em conversas informais que, encurralado na direita pela pregação de Lula, a saída de Collor agora é tentar identificá-lo com a extrema esquerda, com "o stalinismo atrasado do PC do B". Foi nas hostes deste mesmo PC do B que Collor buscou alguns de seus atuais auxiliares, como o deputado Renan Calheiros (PRN-AL) e Alvaro Lins, diretor da Cap Software.

"Chamar o Lula de comunista não é ofensa e toda vez que o Collor fizer isto vai, também, esclarecer que não é anticomunista", garante Cláudio Humberto. Mas não é o que pensa, por exemplo, o irmão do candidato, Leopoldo Collor, defensor de uma radicalização total da linguagem. Da média dos dois pensamentos resultou a idéia de uma postura mais agressiva do candidato, que deve predominar no debate de quinta-feira, em rede nacional de televisão. "Em comparação ao PT, nós estamos muito passivos", entende Sebastião Nery.



Agora, em seus comícios e na TV, Collor dirá que Lula representa a extrema esquerda, "o stalinismo atrasado do PCdoB", um partido oportunista.

A favor

Alguns números trouxeram uma ponta de otimismo à assessoria que, pela primeira vez, começa a reconhecer um "empate técnico" diante das pesquisas que estão sendo divulgadas. Numa posição muito próxima à crença do "quanto pior melhor", o comitê de Collor festejou as altas do outro e do dólar no paralelo. "Aí estão dois fatores a nosso favor", comemorou Nery. Para ele, "tamanha colher de chá no segundo turno, só o Jair Meneguelli (CUT) deu, com o anúncio de uma greve geral num possível governo Collor".

A Vox Populi apresentou outro número tranquilizador, que aconselha mais investimento no medo da classe média em mudanças mais radicais. "Até agora a onda Lula atingiu apenas 1% do eleitorado cativo de Collor, que caiu de 48 pontos no

final de novembro para 47 pontos agora", registrou Marcos Coimbra. Segundo ele, Lula obteve as adesões do PDT e parte do PSDB. "Adesões reversíveis, passado o pique da onda", acredita.

Outra boa informação para a campanha partiu de uma área que Collor gosta de atacar: o SNI, que levou ao Palácio do Planalto um estudo com base em pesquisas de três institutos de opinião pública (Ibope, Gallup e Datafolha) apontando Collor vitorioso com mais de sete pontos a frente de Lula no dia 17 de dezembro. Esta informação, colhida junto a um auxiliar direto de Sarney por um assessor de Collor, cabe na tese da "onda Lula".

"O PT, de acordo com as pesquisas, não detém mais de 10% do eleitorado nacional", insiste Marcos Coimbra, para recordar uma outra "onda do PT" — a "on-

da Erundina", que varreu o eleitorado paulistano nas eleições municipais. "Em três dias ela cresceu de 10% para 30%.. Cresceu no momento exato. Dois dias depois de 15 de novembro as pesquisas mostravam que o eleitorado que inchou os 10% já não votaria mais em Erundina. Lula está crescendo rápido demais. Está na crista e faltam seis dias. Não haverá arrependimento pós-urna. Ele vai se dar antes", acredita o diretor da Vox Populi.

Admitindo, pela primeira vez, que "a disputa está muito acirrada", o assessor de imprensa Cláudio Humberto garantiu ontem que Collor dispõe de dados e previsões "que garantem sua vitória por uma diferença de 6%, o que corresponde a uma vantagem de 5 a 6 milhões de votos". Essa conta foi influenciada pela conversa que o jornalista Sebastião Nery manteve ontem

com técnicos do Ibope, em Brasília. "Os números do Gallup e do DataFolha estão incorretos porque não levam em consideração os eleitores do Interior e privilegiam as cidades médias e grandes", disse Nery. "Nós só confiamos no Ibope e estamos esperando seus próximos resultados", afirmou Cláudio Humberto. O Ibope deve divulgar mais uma pesquisa hoje.

Outro argumento usado tanto por Nery como por Cláudio Humberto para descredenciar o Gallup e o DataFolha são "os erros cometidos por esses dois institutos em suas previsões para o primeiro turno". Cláudio Humberto disse que "os percentuais indicados por eles na primeira fase da eleição estavam sempre incorretos".